

Combate à violência é tema de encontro promovido pela Universidade e a OEA



Organizado em parceria com a Secretaria de Segurança Multi-dimensional da Organização dos Estados Americanos – OEA, o evento “Segurança, Violência e Direitos Humanos nas Américas: desafios e perspectivas”, realizado em dezembro no Rio reuniu especialistas do Brasil, da Colômbia, Argentina, Uruguai, El Salvador e Estados Unidos.

> Páginas 12 e 13

Área de petróleo e gás ganha Centro de Pesquisa

A UERJ começou o ano com o aporte de R\$ 25 milhões da Petrobras para a construção do Centro de Pesquisas em Tecnologias para Combustíveis Limpos e Geologia. Um pavilhão com dois blocos de cinco andares começa a ser construído no segundo semestre no *campus* Maracanã. O espaço abrigará 35 laboratórios, salas de treinamento, bibliotecas e auditórios. As atividades serão coordenadas pelo Instituto de Química (IQ) e pela Faculdade de Geologia (FGEL).

> Página 4 e 5



Campus de Nova Friburgo retoma suas atividades

Afetado pelas enchentes e deslizamentos provocados pelas chuvas que atingiram em janeiro a região serrana do estado, o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro teve laboratórios e casas atingidos e o acesso ao *campus* bloqueado. A Universidade procura agora um espaço para alugar, que será adaptado temporariamente ao IPRJ para que o ano letivo tenha início sem prejudicar o calendário acadêmico de 2011 dos cerca de 500 alunos da graduação e dos 75 estudantes de mestrado e doutorado. > Página 7

UERJ 60 anos

Vários eventos marcaram o aniversário da Universidade em dezembro, entre homenagens, apresentações musicais e teatrais, lançamento de livro e exposição de fotos.

> Páginas 8 e 9



Grupos de Pesquisa

Encerrado o censo de 2010 do CNPq, a UERJ mostra um crescimento de 285 grupos atuantes em 2008 para 346 registrados em 2010.

> Página 10

Prevenção nos *campi*

Os administradores dos *campi* estão fazendo a sua parte no combate ao vírus da dengue que cresceu 40% em um ano no estado. A limpeza de bueiros, galerias e calhas é fundamental.

> Página 16



> EDITORIAL

A favor do entusiasmo

O *UERJ em Questão*, que a partir deste número é bimestral, abre uma reportagem sobre a atuação da Universidade no desastre causado por chuvas e deslizamentos em janeiro na região serrana do Rio. Além de demonstrar solidariedade na organização de campanhas para os desabrigados e desalojados, a UERJ concentra esforços para retomar da melhor maneira possível as atividades de ensino e pesquisa no Instituto Politécnico do Rio de Janeiro (IPRJ). Laboratórios foram atingidos, e o acesso ao campus foi bloqueado, mas os alunos de graduação e de pós-graduação do IPRJ devem voltar às aulas em um espaço alugado temporariamente.

Outra matéria desta edição informa que, de acordo com o censo finalizado em dezembro pelo CNPq, 31 novos Grupos de Pesquisa (GPs) foram formados na Universidade desde 2009, elevando o total registrado para 346. O maior crescimento ocorreu nas Humanidades – de 88 em 2009 para 109 grupos em 2010. O número de grupos de pesquisa cadastrados na UERJ aumenta gradativamente desde 2000, quando havia 149 GPs.

A reunião “Segurança, Violência e Direitos Humanos nas Américas: desafios e perspectivas”, cuja sessão de abertura aconteceu dia 2 de dezembro no *campus* Maracanã, resgatou a função da UERJ como colaboradora na construção de políticas públicas. Texto desta edição relata os debates do evento, organizado em parceria com a Secretaria de Segurança Multidimensional da

Organização dos Estados Americanos (OEA), que reuniu especialistas do Brasil e de países das Américas.

A *Cartilha de Acessibilidade e Atendimento Prioritário à Pessoa Idosa*, publicada pela Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI), também é tema de reportagem. A publicação informa e orienta sobre procedimentos de saúde e benefícios para idosos com deficiência e mobilidade reduzida. O objetivo é esclarecer as pessoas idosas e suas famílias sobre a legislação vigente para que reivindiquem atendimento prioritário na rede hospitalar, em bancos e repartições públicas. Na matéria seguinte, o assunto é o entusiasmo de cerca de mil professores e técnicos administrativos que integram atualmente a Associação de Servidores Aposentados da UERJ (AsaUERJ). Criada há 18 anos a Associação foi uma das homenageadas em evento dos 60 anos da UERJ. Além de produzir um informativo, a AsaUERJ promove atividades sociais, sempre com o objetivo de manter o convívio e o contato dos associados com a Universidade.

Por fim, mas de extrema importância, a abordagem da prevenção de dengue em reportagem que apresenta dados da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro: em janeiro deste ano foram registrados mais 2.106 casos da doença (3.583) do que no mesmo período do ano passado (1.447). Mas os *campi* da UERJ estão mobilizados contra os focos do mosquito transmissor.

> PELOS CAMPI

Fibromialgia tem tratamento interdisciplinar



Dois sessões de exercícios físicos por semana são oferecidos pelo serviço desenvolvido na UERJ

O Laboratório de Fisiologia Aplicada à Educação Física, do Instituto de Educação Física e Desportos, em parceria com o Serviço de Reumatologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto, implantou há 10 anos um tratamento interdisciplinar com a intenção de ampliar o atendimento a pacientes com fibromialgia. A doença é uma síndrome cujo sintoma principal é a dor difusa (espalhada pelo corpo com evolução crônica), fadiga e alterações do sono.

Ainda não existe exame laboratorial ou de imagem que confirme a fibromialgia, que apesar de ser incurável não acarreta deformidade física ou outro tipo de seqüela. “A causa ainda é desconhecida, mas sabemos que atinge 5% da população mundial e geralmente inicia na idade adulta, sendo que idosos e mulheres de todas as idades são os mais atingidos”, informa

a coordenadora do tratamento, Maria Lucia Cavalieri.

O atendimento prestado na UERJ oferece duas sessões de exercícios físicos por semana e uma sessão semanal de educação em saúde e apoio psicológico para quem tem fibromialgia. A cada semestre a equipe recebe um novo grupo de 15 a 30 pacientes, acompanhados durante um ano, podendo o participante continuar no projeto caso tenha interesse. Segundo Maria Lucia Cavalieri, o projeto funciona como campo de estágio e de investigação científica. “A equipe reúne três professores, dois estagiários de Educação Física, uma psicóloga e um paciente-parceiro que organiza arquivos e eventos, a estatística mensal e o cronograma das avaliações e reavaliações dos participantes. Também esclarece, apóia e incentiva os pacientes. O objetivo é favorecer a autonomia dos pacientes e colaborar para o

controle mais efetivo da fibromialgia. Em um ano de acompanhamento é possível observar a conquista de autonomia para o auto-cuidado.

O controle da doença é realizado por meio de tratamento multidisciplinar com abordagem medicamentosa e não-medicamentosa. No tratamento não medicamentoso é necessário que o paciente realize exercícios físicos, um excelente recurso para a melhora da aptidão cardiorrespiratória e de alguns sintomas, como dores, fadiga, sono e depressão. A abordagem psicológica tem papel importante no tratamento dos distúrbios psicológicos e comportamentais. Por isso informar os pacientes e seus familiares sobre como lidar com a doença é imprescindível para entender as limitações físicas decorrentes. Para saber mais sobre o projeto, o contato é fibromialgialafisaef@gmail.com.



Reitor: Ricardo Vieirals Vice-Reitora: Christina Maioli

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira

Em Questão – Edição: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Carlos Moreno e Graça Louzada

Reportagem: Janaína Soares, Karen Candido, Lúcia Dantas, Mariana Pelegrini, Mônica Sousa, Shenara Pantaleão e Zelia Prado Estagiária: Layssace Prazeres

Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e editoração: Rafael Bezerra • Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



Graduação

Sistema auxilia colégios a avaliar alunos

Desde o final de 2010 colégios do estado do Rio de Janeiro cujos estudantes participaram do vestibular 2011 da UERJ podem consultar uma nova ferramenta de avaliação. O Sistema de Informações sobre o Desempenho das Escolas no Vestibular Estadual (Sis-dev) permite às instituições acompanhar o desempenho de seus alunos em todas as etapas do concurso de ingresso na graduação.

A ferramenta apresentada pelo Departamento de Seleção Acadêmica, vinculado à Sub-reitoria de Graduação (DSEA-SR1), fornece informações por meio de tabelas e gráficos, como dados quantitativos por conceito e por língua estrangeira, desempenho geral, por questão e áreas de conhecimento.

Segundo Stella Amadei, coordenadora acadêmica do vestibular, o objetivo é repassar às escolas, de forma técnica e acadêmica, o desempenho dos seus alunos. “Enviamos às instituições informações comparando os seus resultados aos da UERJ. Assim a escola sabe qual foi o índice de acertos geral da prova e de seus alunos. Unindo esses dados às questões resolvidas na Revista Eletrônica do Vestibular, é possível verificar em quais áreas os estudantes estão fortes ou fracos”, explica.

Em 2008, antes de o sistema ser implementado, o Departamento de Seleção Acadêmica fez um teste com algumas instituições de ensino. “Enviamos o resultado a essas escolas e pedimos que nos mandassem uma avaliação por escrito. O retorno foi positivo”, garante Stella Amadei. Com a resposta das escolas, o sistema passou por ajustes e todos

os colégios cadastrados receberam informações sobre sua implementação. Desde o lançamento em 2010 foi acessado por 71 das 193 escolas cadastradas.

“A forma de ingresso na UERJ é interessante ao privilegiar as habilidades e a interpretação, sem abrir mão do domínio dos conteúdos”

O sigilo das informações é garantido. Cada escola tem acesso apenas ao desempenho dos seus alunos, cujos nomes não são citados. O objetivo não é fazer *ranking*, mas fornecer informações sobre determinado ano à instituição. O sistema só compara as notas dos alunos da terceira série do Ensino Médio.

O objetivo não é fazer *ranking*, mas fornecer informações sobre determinado ano à instituição

Dessa forma, a escola identifica o grupo, os professores e a ementa utilizada. Para integrar o sistema de informações, o procedimento é simples. Se a instituição faz parte do banco de dados do DSEA é necessário apenas solicitar uma senha e indicar o responsável pelo acesso. Se o colégio não estiver cadastrado é feito o registro e os alunos terão a opção de selecionar o nome da escola no ato da inscrição no vestibular.

Escolas

Lygia Aleksandrowicz, coordenadora pedagógica da unidade Centro do Colégio Cruzeiro, afirma que o Sistema oferece dados objetivos sobre o desempenho dos alunos da 3ª série do Ensino Médio, o que permite orientar equipes das diferentes áreas do conhecimento sobre correções e mudanças nas disciplinas. “Ao analisarmos o percentual de acertos e erros, localizamos pontualmente conteúdos a serem revistos com o corpo discente”, explica a coordenadora.

Para o diretor da unidade Niterói do Colégio Pedro II, Marcelos de Carvalho Caldeira, o sistema forneceu informações estatísticas importantes para definir estratégias de atuação. “Com a rotina do dia-a-dia, não teríamos condições de produzir um levantamento tão amplo”, diz. Tanto a coordenadora pedagógica do Colégio Cruzeiro como o diretor do Pedro II em Niterói gostaram do resultado obtido no vestibular da Universidade. “O desempenho da unidade foi basicamente homogêneo nas diferentes áreas de conhecimento, o que confirma o perfil que tínhamos traçado sobre nossos alunos”, afirma Marcelos. Ele acrescenta que a forma de ingresso na UERJ é interessante ao privilegiar as habilidades e a interpretação, sem abrir mão do domínio dos conteúdos. “Para a nossa unidade escolar, onde são incentivadas as atividades interdisciplinares e extraclasse, o perfil do vestibular da UERJ mostra-se bastante adequado”, complementa.

Balcão de informações no térreo é reativado



As recepcionistas tiveram treinamento de atendimento

Depois de sete anos sem funcionar, o balcão de informações situado no térreo do Pavilhão João Lyra Filho foi adaptado para receber a equipe treinada para prestar informações a todos que frequentam o *campus*. A reativação desse serviço de apoio à comunidade e aos visitantes da Universidade resultou de uma parceria entre a Prefeitura dos *Campi* e a Diretoria de Comunicação Social (Comuns), com apoio do Centro de Produção (Cepuerj).

Segundo Ivair Lopes Machado, atual prefeito dos *campi* e também na época em que a obra foi inaugurada, na gestão da Reitora Nilcéa Freire (2000-2004), o balcão foi criado pela necessidade de “existir um local no centro da Universidade com informações das unidades acadêmicas sobre eventos e cursos.” O balcão foi construído em 2000 na carpintaria da Universidade e tem uma curiosidade: “Em homenagem ao bom trabalho realizado, os carpinteiros tiveram o nome registrado embaixo do forro da obra”, revela Ivair. Responsável pela atualização das informações na central de atendimento, a Diretoria

de Comunicação Social realizou um treinamento com as seis recepcionistas. A supervisora de atendimento da Comuns, Carmen Lucia Cruz, conta que “a coordenadora de Relações Públicas ministrou treinamento para as atendentes, para que fosse proporcionado ao público um bom nível de atendimento – ao vivo e por telefone.”

Para a recepcionista Fabrine Motta, o público tem se mostrado satisfeito com o funcionamento do serviço. “Eles chegam aqui e dizem: ‘Nossa! O balcão de informações voltou! Fazia tanta falta!’. É muito bom receber esse retorno”, relata. Carolina Martins, que também atende no balcão, diz que a resposta que recebem pelo atendimento é reflexo da qualidade que buscam imprimir no cotidiano: “atendemos as pessoas como gostaríamos de ser atendidas”, define. O balcão está sendo reativado oficialmente neste início do ano letivo de 2011, em meio à campanha “Gentileza gera gentileza”, promovida pelo projeto Calouro Humano, evento coordenado pela Sub-Reitoria de Graduação para recepcionar os novos alunos.

Pesquisa

Universidade se prepara para ser referência em estudos de petróleo e gás

O estado do Rio de Janeiro encerrou 2010 respondendo por 77,1% da produção do petróleo nacional e encabeçou a lista de produtores de gás natural com 40,3% da soma de todo o País. Em sintonia com essa vocação fluminense, a UERJ se prepara agora para destacar o estado nos campos da pesquisa e da formação de recursos humanos para o setor. A Universidade começou 2011 com o aporte de R\$ 25 milhões da Petrobras para a construção do Centro de Pesquisas em Tecnologias para Combustíveis Limpos e Geologia. Um pavilhão com dois blocos de cinco andares será construído no *campus* Maracanã. O espaço abrigará laboratórios, salas de treinamento, bibliotecas e auditórios. As atividades serão coordenadas pelo Instituto de Química (IQ) e pela Faculdade de Geologia (FGEL).



O Centro de Pesquisas começa a ser construído no segundo semestre

Os recursos para a construção do novo espaço foram obtidos a partir da consolidação na UERJ da pesquisa em petróleo e gás. A Universidade integra diferentes redes temáticas da Petrobras, criadas pela companhia para se relacionar em cooperação com universidades e institutos em todas as regiões. Da parceria faz parte o aporte de recursos a projetos de excelência que atendam o interesse estratégico da Petrobras. “Coletamos recursos de

cinco redes, o que proporcionou à Universidade instalações em sinergia com o desenvolvimento de projetos e formação de recursos humanos qualificados. Um ganho para a universidade e principalmente para o estado”, comenta a Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, a professora de Geologia Mônica Heilbron.

A instalação do Centro é supervisionada por professores do programa de pós-graduação em Engenharia Química, entre eles

o coordenador geral Márcio Paredes. Ele diz que “o projeto começou quando fomos convidados pela Petrobras para apresentarmos propostas na área de capacitação em petróleo e gás. A partir daí conquistamos financiamento da Rede de Desenvolvimento de Tecnologias em Combustíveis Limpos”. Com o projeto em andamento, o programa de pós-graduação da Faculdade de Geologia se uniu à Química depois de conquistar espaço em outras

quatro redes: Geoquímica, Estudos em Sedimentologia e Estratigrafia, Estudos Geotectônicos e Micropaleontologia Aplicada. Dessa forma a soma dos recursos alcançou R\$ 25 milhões. O financiamento prevê a construção da estrutura e a aquisição de alguns equipamentos, como aparelhos de Análise Superficial e Porosidade (ASAP). As obras estão previstas para iniciar no segundo semestre de 2011, mas o primeiro passo já foi dado com a construção das fundações do novo prédio. “A base está pronta. Agora aguardamos a liberação total dos recursos”, informa o prefeito dos *campi*, Ivair Machado.

Inicialmente o Centro de Pesquisas teria apenas um bloco. Com a união entre as unidades foi acrescentado um segundo prédio para adequar a área laboratorial. A estrutura foi concebida a

partir de parâmetros internacionais e atende as exigências de segurança laboratorial e normas ambientais. Ao todo serão 35 laboratórios, dos quais 10 vinculados ao programa de pós-graduação em Análise de Bacias e Faixas Móveis. Para a diretora da Faculdade de Geologia, professora Maria Antonieta da Conceição Rodrigues, o centro tecnológico é um salto de qualidade incomparável para as atividades da unidade. “A Geologia da UERJ é reconhecida no Brasil pela atuação em pesquisa básica na área de petróleo. Desde a década de 90 temos crescido muito em capacitação e competências. Faltava um espaço físico adequado para os nossos laboratórios”, avalia a professora, que identifica o projeto arquitetônico como ideal para as instalações laboratoriais.

INSTITUTO TAMBÉM REÚNE PROJETOS NA ÁREA DE PETRÓLEO E GÁS

Com o propósito de contribuir para que o estado do Rio de Janeiro seja um centro de referência nacional no setor de óleo e gás e desenvolver pesquisas inovadoras qualificando profissionais para as indústrias, foi criado em abril de 2009 na UERJ o Instituto Nacional de Óleo e Gás – Jazidas Não-Convencionais (INOG). O Instituto está vinculado a uma política do Ministério da Ciência

e Tecnologia, de instituir no País centros de pesquisas voltados para a área de C&T. Os institutos foram instalados em âmbito nacional e o INOG (www.inct-oleoegas.com.br) foi o único aprovado no estado no setor de óleo e gás. Essa área existe na Universidade desde 1992, data do primeiro curso de especialização sobre Projetos de Análise de Bacias. Transformado no curso de mestrado

Análise de Bacias: formação, preenchimento e tectônica modificadora, recebeu recomendação da CAPES em abril de 1996.

O Instituto é financiado pelo CNPq e pela Faperj e tem parcerias com universidades e centros de pesquisa. Ao todo, reúne 61 investigadores da UERJ e das instituições parceiras e 22 alunos de graduação, mestrado e doutorado. Desde 2009 mantém

parceria em um projeto sobre rochas vulcânicas com a Universidade de Oslo e em 2010 firmou convênio com a Universidade Complutense de Madrid para estudar rochas carbonáticas, onde o óleo do pré-sal está armazenado. Segundo o pesquisador Hernani Chaves, vice-coordenador do projeto, o diferencial do INOG é estudar recursos não-convencionais, ou atípicos, de produção de óleo e

gás. Ele diz que apesar de a descoberta do pré-sal poder garantir no futuro uma alta produção de petróleo no Brasil, há países produtores que estão começando a apresentar declínio nessa área. Daí a importância de conhecer as jazidas não-convencionais como alternativa. “A nossa motivação não é econômica, mas a de conhecer maneiras diferentes de produção de energia.

Temos que pensar no futuro”, defende o pesquisador.

Os estudos do INOG estão distribuídos por cinco áreas: de exploração; de produção; de refino; de meio ambiente; e de regulação. Em termos gerais, o petróleo resulta de uma transformação termoquímica de matéria orgânica. Pelo efeito da temperatura, essa matéria orgânica pode ser transformada em petróleo e gás. Embora a



A Sub-reitora Mônica Heilbron aposta na parceria entre UERJ e Petrobras

A Sub-reitora Mônica Heilbron considera que a integração entre unidades “irá permitir a troca permanente de informações e conhecimentos específicos entre os pesquisadores”. Mônica também aposta na parceria entre a UERJ e a Petrobras. “Em termos institucionais os resultados dessa união, por meio das redes tecnológicas, tem direcionado um investimento razoável para infra-estrutura e equipamentos. Estamos agora negociando um segundo momento, voltado para o desenvolvimento e o cus-

teio de projetos”, anuncia.

A construção de um centro de pesquisa de grande porte sinaliza novos horizontes para projetos da UERJ. A Sub-reitora observa que a instalação de uma estrutura de qualidade amplia as possibilidades de novos financiamentos. “Teremos capacidade instalada para concorrer a mais recursos, não apenas para pesquisa e desenvolvimento mas também para programas de pós-graduação em várias áreas do Centro de Tecnologia e Ciências (CTC)”. É um futuro promissor”.

Petrobras esteja produzindo petróleo por procedimentos não-convencionais no município de São Mateus do Sul (PR), a mineração está restrita a essa área. O INOG tenta se antecipar à demanda por jazidas não-convencionais e está realizando pela primeira vez a análise e o acompanhamento de outras localidades onde jazidas podem ser encontradas. Os estudos incluem

prioritariamente uma área que se estende do Rio Grande do Sul ao Maranhão.

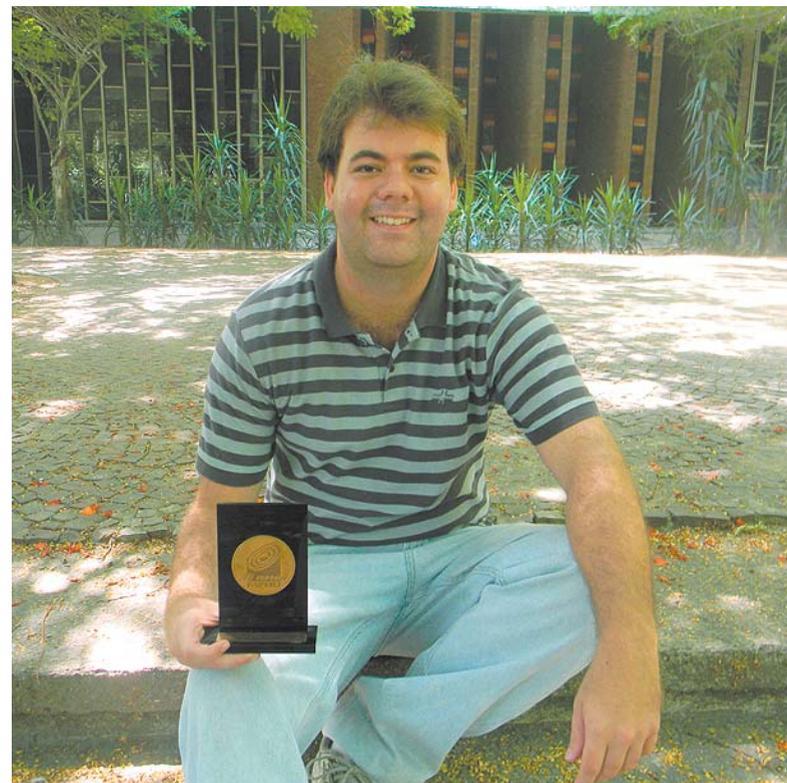
Outra fonte de energia alternativa estudada pelo Instituto é o biogás, constituído de metano e dióxido de carbono presente nos lixões. Comparada a outras universidades, apenas a UERJ possui um parque analítico bem equipado na área de exploração, o mais completo fora da Petrobras.

Aluno da Biologia ganha medalha comemorativa da Faperj

Surpreso. Assim ficou Leandro dos Santos Lima Hohl ao ler o e-mail informando que seu nome estava entre os ganhadores da medalha comemorativa dos 30 anos da Faperj. O estudante do sétimo período do curso de biologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (Ibrag) foi um dos contemplados na categoria Iniciação Científica. Leandro, 23 anos, é bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) no Laboratório de Zoologia de Vertebrados-Tetrapoda (Lazoverte), coordenado pelo professor Oscar Rocha-Barbosa. Em seu projeto, o aluno estuda o comportamento locomotor em anfisbêniões (répteis conhecidos como cobras-de-duas-cabeças).

Antes de ganhar a medalha, Leandro, que até então não havia sido premiado, foi bolsista da Faperj por dois anos – de 2007 a 2009. “Nesse período apresentei trabalhos em congressos e publiquei artigos, o que fez com que os relatórios anuais que entreguei à Fundação tivessem consistência e eu fosse bem pontuado”, explica. A premiação veio depois de encerrado o vínculo de Leandro com a Faperj. “Em meados de 2010 recebi o e-mail informando que eu estava entre os alunos que mais se destacaram no Rio de Janeiro na categoria Iniciação Científica. Fiquei muito contente porque é um reconhecimento do meu trabalho”, diz.

Para o professor Oscar, a indicação foi merecida e motivo de orgulho para a equipe do Lazoverte. “Ficamos imensamente gratificados com o respeito a um segmento de nossas pesquisas. E foi merecido porque o Leandro é aluno aplicado, inteiramente envolvido com a pesquisa que realizamos. Ele sabe o que quer e aproveita as oportunidades que lhe são dadas. Acredito, sem



Leandro Hohl mostra a medalha conquistada com seu projeto

medo de errar, que estamos diante de um brilhante futuro pesquisador que nos dará outras alegrias. Sinto-me orgulhoso e honrado de ser seu orientador”, elogia.

A medalha comemorativa da Faperj também foi entregue a pesquisadores que se destacaram na realização de projetos de desenvolvimento de Ciência e Tecnologia nas categorias cientistas do nosso estado, jovem cientista do nosso estado, doutorado, mestrado e jovens talentos. Foram selecionados investigadores em cada uma das oito áreas do conhecimento. A cerimônia de entrega do prêmio aconteceu em junho, no Theatro Municipal.

Intercâmbio

Leandro está entre os alunos que vão cursar o primeiro semestre de 2011 na Universidade de Jaén, na Espanha. Ele foi selecionado pelo Departamento de Cooperação Internacional (DCI) por meio do Programa de Intercâmbio e Mobilidade Acadêmica (Pima) da Andaluzia. “Essa oportuni-

dade de abrir meus horizontes. Irei conhecer laboratórios, pesquisadores e estudantes de biologia de outros países”, antecipa o estudante, que continuará sua pesquisa em Jaén. “Vou aprender técnicas novas e trazer para o laboratório da UERJ”, diz ele, que pretende seguir a vida acadêmica conciliando as carreiras de professor universitário e pesquisador.

O professor Oscar diz que as técnicas aprendidas por Leandro em Jaén poderão ser utilizadas em vários segmentos da pesquisa no Lazoverte: “Como trabalhamos com biomecânica do movimento e morfologia funcional, as técnicas que ele vai aprender na Espanha poderão nos auxiliar na compreensão do funcionamento dos organismos e suas relações com o meio em que vivem”. E destaca: “Essas técnicas são utilizadas no mundo todo e vão ajudar a nos colocar no mesmo patamar dos colegas estrangeiros, facilitando a participação em congressos internacionais, que são os fóruns onde trocamos ideias e compartilhamos o conhecimento”.

Bactérias sob controle

Para impedir que o ambiente hospitalar se transforme em foco de infecção, a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar da UERJ se dedica à prevenção

Em 2010, um surto de infecção hospitalar ocasionado pela “super bactéria” KPC, bactéria com uma enzima que leva resistência a antibióticos, deixou a comunidade médico-científica em alerta e promoveu algumas mudanças na venda de antibióticos. Uma delas foi a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), que desde novembro obriga a retenção da receita para a venda de mais de 90 medicamentos do tipo. Fora do ambiente hospitalar dificilmente alguém será contaminado por esses microorganismos resistentes. Mas para o professor e pesquisador Robson Leão, o surto nos hospitais poderia ser minimizado se medidas básicas de contenção fossem tomadas, como as que fazem parte dos estudos da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar adotadas no Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe/UERJ).

A *Klebsiella pneumoniae carbapenemase* (KPC) é uma enzima específica produzida por bactérias que causam infecções, especialmente em pacientes hospitalizados em unidades críticas, e pode levar à morte. Estudo recente conduzido por um grupo de

docentes da disciplina de Microbiologia e Imunologia da UERJ em colaboração com o Hupe descreveu o primeiro caso no Brasil e o terceiro no mundo de um paciente com duas bactérias distintas que produzem KPC. Com experiência nessa área, a Universidade promove discussões sobre as regras de contenção de infecções hospitalares, e conta com educação continuada de seus profissionais e vigilância epidemiológica – trabalhos que fazem parte da atuação da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar.

Para explicar a importância da interação entre microbiologistas e a Comissão, o professor Robson Leão diz que as bactérias são capazes de trocar informações genéticas e são mutáveis, o que facilita a transmissão de enzimas que dão resistência a antibióticos. Hoje existem no mercado poucos antibióticos eficazes no combate às bactérias portadoras da enzima KPC, mas possuem restrições próprias e podem gerar outros problemas nos pacientes. O uso constante de antibióticos, a presença de pacientes de pós-operatório, pacientes com muito tempo de internação, além de pacientes de UTI são fatores que colocam

os hospitais em alerta constante, porque nestas condições o controle de infecções hospitalares fica difícil. O importante é cada hospital contar com medidas sérias de contenções havendo a KPC ou não porque esse não é o único mecanismo que confere resistência aos antibióticos.

Os estudos desenvolvidos na Universidade focam na identificação dos mecanismos e de seus perfis de resistência, presentes no DNA das bactérias. Essas pesquisas alimentam a indústria farmacêutica no desenvolvimento de antibióticos. “O problema no desenvolvimento de novos antibióticos é que as bactérias em contato com outras sofrem mutações rápidas e a utilidade de certos antibióticos é curta para justificar o investimento da indústria”. Pesquisadores e alunos de mestrado e doutorado da disciplina de Microbiologia e Imunologia estudam microrganismos multirresistentes a antibióticos de interesse médico, tais como o MRSA – *Staphylococcus aureus* resistente à meticilina; o VRE – *Enterococcus spp* resistente à vancomicina; bactérias produtoras da enzima ESBL – *beta-lactamases* de espectro estendido.

Com o trabalho da Comissão de Controle, prevista por lei em todos os hospitais, problemas causados por infecções e surtos como o de 2010 podem ser resolvidos com um mínimo de esforço, das quais podem ser destacadas algumas medidas:

- Vigilância epidemiológica por meio da pesquisa periódica de microorganismos multirresistentes (coleta constante de material biológico de pacientes);
- Educação continuada dos profissionais da área de saúde;
- Limpeza e higienização do ambiente para evitar que bactérias se espalhem pelas dependências dos hospitais;
- Uso constante de álcool gel por médicos, enfermeiros e profissionais da saúde, que deverão lavar as mãos, utilizar luvas e máscaras, manter as unhas curtas, evitar comer no ambiente de trabalho, usar os cabelos presos e sapatos fechados;
- Obrigatoriedade dos visitantes de lavar as mãos e usar álcool ou gel ao entrar e sair do ambiente hospitalar;
- Proibição do uso de jaleco fora do hospital.

Projeto discute legislação para o carro elétrico no Brasil

Você alguma vez já imaginou abastecer o seu carro ligando-o a uma tomada? Em todo o mundo, o veículo elétrico é considerado alternativa viável para o automóvel convencional, ao apresentar soluções sustentáveis e de preservação do meio ambiente. No Brasil, porém, ainda existem obstáculos que inibem a difusão dessa tecnologia para veículos de passeio.

A Faculdade de Engenharia, via Grupo de Estudos de Veículos Elétricos (Gruve) coordenado pelo professor Artur Pecorelli, e a Faculdade de Direito, por meio do Núcleo de Estudos em Finanças Públicas, Tributação e Desenvolvimento (Nefit), sob a coordenação do professor José Marcos Domingues, trabalham na desde 2008 em um projeto com propostas de incentivos tributários à produção, comercialização e licenciamento de veículos elétricos no Brasil. O projeto, que tem a participação de alunos de graduação e pós-graduação, é pioneiro e surgiu do imperativo de compreender,

para superar, as barreiras institucionais relacionadas ao veículo elétrico no País. Os coordenadores fizeram uma parceria considerando as limitações naturais dos juristas, que são os aspectos tecnológicos, e as dos engenheiros, que são os aspectos jurídicos.

Há dez anos o professor Pecorelli desenvolve pesquisas no Grupo de Estudos de Veículos Elétrico. “O veículo elétrico gasta um terço da energia que se gastaria com o carro convencional para percorrer o mesmo trajeto”, demonstra. Outra vantagem dos veículos de propulsão elétrica é o fato de a matriz energética brasileira ser uma das mais favoráveis do mundo, baseada na energia gerada por usinas hidrelétricas que, além de abundantes, são consideradas fontes limpas. Ainda de acordo com o professor, o Brasil tem grande potencial solar e eólico a ser explorado. O professor Domingues explica que a carga tributária brasileira agregada ao preço final do produto é “pesadissi-

ma e desproporcional”, fazendo com que a demanda não seja atraente. O Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) de veículos elétricos é o mesmo dos veículos mais poluidores a combustão – 25%. A contribuição ao Programa de Integração Social (PIS) e Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) é de 11,6%. O ICMS varia entre 18% e 19% dependendo do estado, enquanto o IPVA, apesar da isenção em sete estados, pode atingir até 4% em outros. Para o coordenador do Núcleo de Estudos em Finanças Públicas, Tributação e Desenvolvimento, é preciso reduzir a zero esses tributos, pelo menos numa fase inicial de estímulo à produção.

O estudo desenvolvido na UERJ é fundamentado em outros modelos de legislação identificados em países – caso de Portugal, Espanha, Japão e Austrália. “As leis portuguesas estabeleceram tributação dos automóveis com base nas emissões de poluentes e não de acordo com

valor do bem. O Japão estuda uma forma mista, considerando o valor do carro e as suas emissões.

Outro aspecto em debate diz respeito ao conceito de veículo elétrico. O projeto da UERJ defende o aperfeiçoamento da legislação para que ele seja registrado de acordo com as suas características. “Não adianta o mercado demandar, a indústria produzir e o carro não ter certificação, porque não pode ser emplacado”, diz o professor Pecorelli.

O trabalho da Universidade representa um retorno para a sociedade, ao auxiliar a formulação e o aperfeiçoamento de políticas públicas em âmbito nacional, mas também em estados e municípios. Nestes, por exemplo, uma alternativa seria reduzir ou isentar do IPTU imóveis onde são produzidos, consertados e abastecidos veículos elétricos. Da mesma forma, oficinas que se dedicassem ao carro elétrico poderiam receber redução do Imposto sobre Serviço (ISS).

Campus de Nova Friburgo sofre com as chuvas de janeiro mas aos poucos retoma as atividades

A palavra solidariedade – que na definição do Dicionário Aulete significa “sentimento de identificação com os problemas de outrem, o que leva as pessoas a se ajudarem mutuamente” – sempre esteve presente no cotidiano da Universidade. Depois da catástrofe na região serrana do Rio em janeiro de 2011, esse sentimento se mostrou ainda mais forte. Além de desempenhar o seu papel social promovendo campanhas de doativos para os desabrigados e desalojados pela chuva, a UERJ direciona os seus esforços para restaurar da melhor maneira possível as atividades de ensino e pesquisa no Instituto Politécnico do Rio de Janeiro em Nova Friburgo.

Assim como toda a cidade, o Instituto foi afetado por enchentes e deslizamentos: laboratórios e casas foram atingidos e o acesso ao *campus* ficou bloqueado. “A estrada teve vários pontos danificados e um deles demanda uma obra gigantesca”, informa o Reitor Ricardo Vieiralves, ao explicar que há algumas alternativas para recuperação da via, mas todas com custo elevado e em longo prazo. “Quando em 2007 ocorreu uma queda de barreira semelhante, a obra custou cerca de R\$ 5 milhões e demorou quase cinco meses para ser concluída – em uma intensidade de desastre bem mais reduzida. Agora, a obra necessária deve ficar em pelo menos o dobro do custo de 2007 e não há como concluí-la em menos de um ano. Isso é um problema”, compara.

A solução encontrada – apresentada em reunião com o vice-governador Luiz Fernando Pezão, o Secretário de Ciência e Tecnologia Alexandre Cardoso, docentes e o diretor do Instituto, Hélio Pedro Amaral Souto – foi alugar um espaço que permita a instalação adequada do IPRJ para retomar as suas atividades. Segundo o prefeito dos *campi* Ivair Machado, uma equipe formada por dois arquitetos e um engenheiro da UERJ foi enviada a Nova Friburgo com o objetivo de encontrar uma construção que possa ser adaptada ao Instituto, de forma que o ano letivo tenha início sem prejudicar o calendário previsto da Universidade.

O Reitor informa que os recursos financeiros para as obras de adaptação e o pagamento de aluguel já estão

FOTO: MOACYR CARVALHO



FOTO: NEY ROBSON ROHEM



FOTO: NEY ROBSON ROHEM



Assim como toda a cidade de Nova Friburgo, o Instituto Politécnico do Rio de Janeiro foi afetado por enchentes e deslizamentos: laboratórios e prédios foram atingidos e o acesso ao *campus* ficou bloqueado

garantidos: “Não estamos desprotegidos. A Faperj descentralizará os recursos de adaptação e o governo do estado se comprometeu com recursos extras. Estamos fazendo propostas de aluguel com opção de compra para podermos avaliar, no futuro, se seria o

melhor lugar para nos instalarmos”. O diretor Hélio Souto destacou que a assistência recebida está sendo fundamental para o IPRJ. “Estamos tendo todo o apoio da reitoria da UERJ, da Secretaria de Ciência e Tecnologia e do governo do estado. As coisas estão caminhando rapi-

damente, tendo em vista o estado em que a cidade se encontra”, disse.

O *campus* Nova Friburgo oferece cursos de graduação em Engenharia Mecânica e de Computação e atualmente tem 482 alunos matriculados. As inscrições em disciplinas foram realizadas e os horários para o primeiro semestre estão no endereço eletrônico do IPRJ (<http://www.iprj.uerj.br/>). Os calouros já realizaram a pré-matricula e o novo calendário está disponível no portal da UERJ. O Instituto também reúne programas de pós-graduação nas áreas de Modelagem Computacional (20 alunos de mestrado) e de Ciência e Tecnologia de Materiais e Meio Ambiente (20 estudantes de mestrado e 35 de doutorado). A reserva de salas para a defesa de dissertações e teses está sendo agendada com a secretaria dos departamentos, que está funcionando provisoriamente na Avenida Alberto Braune 223/2º andar (na antiga Rodoviária, ao lado da Prefeitura).

Os cerca de 600 alunos de graduação distribuídos entre cursos semipresenciais de Licenciatura em Ciências Biológicas e em Pedagogia (do Pólo de Educação a Distância de Nova Friburgo, que faz parte do Consórcio Cederj) puderam se inscrever a partir do dia 1º de fevereiro na Escola Municipal Dante Magliano e no Colégio Estadual Dr. João Bazet. Segundo a diretora do Pólo, professora Fátima Kzam, todas as atividades acadêmicas estão sendo realizadas sem prejuízo aos estudantes.

Pioneira no interior do Estado, a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica, também conhecida como Origem Incubadora de Empresas Inovadoras, está funcionando provisoriamente no escritório regional do Sebrae em Nova Friburgo, localizado na rua Fernando Bizzotto 72, no centro da cidade.

O Reitor enfatiza a importância de o Instituto se manter ativo e cumprindo a responsabilidade pública de continuar instalado em Nova Friburgo para atender com qualidade alunos e funcionários: “Não tenho dúvida de que a nossa Universidade será um dos pilares no processo da reconstrução da região e irá efetivamente auxiliar a cidade a se recompor”.

> ESPECIAL

As comemorações dos 60 anos da Universidade



Imagens da publicação comemorativa oficial dos 60 anos da UERJ foram utilizadas em mostra que reuniu 14 painéis e terá versão itinerante por todos os campi em 2011

Seis décadas de história rememoradas uma vez mais em fotos, livros, homenagens, música e muita comemoração. Assim a UERJ celebrou os seus 60 anos de fundação. Os eventos comemorativos começaram em setembro de 2010 com a entrega pelo Reitor da medalha José Bonifácio, Grão-Oficial, a personalidades que foram estudantes da UERJ e se notabilizaram nos campos da educação e da cultura. O primeiro a receber a homenagem foi o historiador Gilberto Palmares. O ex-governador Marcello Alencar, o advogado Otávio Leite, o médico Paulo Pinheiro e a médica especialista em cardiopediatria Jandira Feghali foram outras personalidades homenageadas.

Entre abraços e lembranças funcionários de todos os *campi* e unidades festejaram juntos no dia 30 de novembro, data da homenagem aos servidores com 25 anos de serviço. Ao todo, foram 179 homenageados em 2010. A técnica administrativa Cláudia Ribeiro de Melo deu voz ao grupo em discurso emocionado. “É um presente poder completar 25 anos de história nesta casa que nos acolheu de braços abertos. Fazer parte da UERJ nos faz sentir plenos. Podemos dizer que chegamos à maturidade”, falou. A homenagem aos que completaram 25 anos de casa foi estendida em 2010, com a inclusão daqueles que chegaram aos 40 anos de trabalho. “Este é o momento de uma reflexão sobre nossa identidade; dimensionamos o futuro e fazemos uma curta revisão do passado”, resumiu o Reitor Ricardo Vieiralves na abertura do evento. No encerramento, pediu aos presentes que aplaudissem de pé todos os servidores, por entender que “esta Universidade é grande pelo empenho daqueles que trabalham por ela”. Para o presidente da Comissão dos 25 anos, o superintendente de Recursos Humanos Sérgio Corrêa Marques, o momento foi dedicado a agradecer. “Devemos todas as homenagens a essas pessoas que dedicaram 20, 25, 30, 35, 40 anos à Universidade e continuam na ativa, presentes”, disse ele.

No dia 3 de dezembro, a UERJ recebeu os parabéns com música de Villa-Lobos e

Vivaldi. Um concerto especial da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) reuniu no palco do Teatro Odylo Costa, filho os músicos, o Coro de Crianças da OSB e os corais do Meio Dia e Altivoz, formados por funcionários e alunos. Uma “harmonia perfeita”, na opinião do maestro Roberto Minczuk, que regeu a apresentação. Em outra homenagem no dia 13 de dezembro, inédita, a Universidade convidou todos os aposentados, boa parte deles reunida na Associação dos Servidores Aposentados da UERJ – AsaUERJ, para um encontro no Teatro Odylo Costa, filho com o corpo diretivo da Universidade e entrega de brindes comemorativos e apresentação musical do grupo Ah!Banda, de alunos do Instituto de Aplicação da UERJ. Em 2010 a Universidade, por meio da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura, homenageou o compositor de Vila Isabel Noel Rosa, registrando como Ano Noel Rosa o centenário de nascimento do “poeta da Vila”. Noel é nome de um dos teatros do *campus* Maracanã e foi nesse espaço que alunos e professores do Instituto de Artes produziram e apresentaram no dia 14 de dezembro a peça “Rosas de Noel” encerrando as intervenções teatrais nas comemorações dos 60 anos.

Além de homenagens e espetáculos, o *campus* Maracanã sediou em dezembro uma exposição de fotos da Universidade em diferentes momentos e ocasiões. A mostra reuniu 14 painéis com 28 imagens e foi produzida pela equipe da Diretoria de Comunicação Social. As imagens da exposição e outras fotos que ilustram trechos do passado e do presente da instituição integram a edição comemorativa oficial *UERJ 60 anos*. A mostra terá versão itinerante pelos outros *campi* em 2011. Para o Reitor Ricardo Vieiralves, os 60 anos servem para lembrar, sobretudo, que a Universidade reflete cada vez mais “a cara do Rio de Janeiro. Esta Universidade não é prédio, não é endereço. Ela é gente, tem corpo, nome e sobrenome. Por isso se reconhece na face de cada um de seus alunos e funcionários e no estado que representa” define.



O Teatro Odylo Costa, filho foi palco de um concerto da Orquestra Sinfônica Brasileira, que teve a participação dos corais do Meio Dia e Altivoz, formados por servidores e alunos



A mesa de autoridades aplaude de pé os servidores que completaram 25 anos de casa



Alunos do Instituto de Aplicação que integram o grupo musical Ah!Banda fizeram parte da programação



A entrega da medalha José Bonifácio, Grão-Oficial, iniciou os eventos comemorativos



Uma iluminação especial no campus Maracanã foi um dos destaques da festa dos 60 anos

Projetos

Pluralidade é a marca dos mais de 300 grupos de pesquisa da Universidade

A nova base corrente dos Grupos de Pesquisa (GPs) cadastrados no CNPq está disponível para consulta. O último censo foi finalizado em dezembro e mostra que 31 novos grupos de pesquisa foram formados na Universidade, elevando para 346 o total registrado em 2010. O maior crescimento ocorreu nas Humanidades – de 88 em 2008 para 109 grupos em 2010, firmando-se como área com maior concentração de GPs. O número de grupos de pesquisa cadastrados na Universidade aumenta gradativamente desde 2000, quando eram 149 os grupos certificados.

Professores e alunos de graduação e de pós-graduação, alguns com apoio de técnicos administrativos, constituem grupos que desenvolvem estudos em torno de linhas comuns de pesquisa. Depois de criados, os GPs são certificados pela instituição antes de serem cadastrados na base de dados gerenciada pelo CNPq, o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil disponível em <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional>. Criado em 1992, o Diretório reúne informações sobre os grupos existentes no país e seus participantes. O censo realizado a cada dois anos, faz uma radiografia do status da pesquisa no Brasil.

A diretora do Departamento de Apoio à Produção Científica e Tecnológica (Depesq), Elvira Carvajal, registra que os grupos são um dos indicadores que a Universidade possui para identificar como a sua comunidade científica está inserida na pesquisa nacional. “São também uma maneira de divulgar nossos trabalhos para o público, já que se trata de um cadastro nacional e não interno”, assinala. Diz ainda que mesmo com o

EVOLUÇÃO DOS GRUPOS DE PESQUISA NA UERJ (POR GRANDE ÁREA)

Grupos de Pesquisa/Área	2000 (versão 4)	2002 (versão 5)	2004 (versão 6)	2006 (versão 7)	2008 (versão 8)	2009	2010 (versão 9)
Ciências Agrárias	0	1	1	1	1	1	1
Ciências Biológicas	32	39	36	30	33	36	35
Ciências da Saúde	31	37	40	42	47	49	47
Ciências Exatas e da Terra	25	33	30	34	38	38	43
Ciências Humanas	33	45	57	66	78	88	109
Ciências Sociais Aplicadas	7	12	19	24	30	37	42
Engenharias	12	16	28	26	29	36	40
Linguística, Letras e Artes	9	15	23	24	29	30	28
Multidisciplinar / Tecnologias	-	-	-	-	-	-	1
Total de grupos	149	198	234	247	285	315	346

Fonte: Depesq/UERJ, 2011.

aumento dos critérios de avaliação implantados em 2008 houve um crescimento do número de GPs, o que demonstra o estímulo interno à pesquisa.

Vinculado à Sub-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – SR2, o Depesq é o setor que certifica os grupos a partir de critérios que normatizam a criação dos GPs: todos os participantes devem possuir currículo Lattes cadastrado no CNPq; os grupos devem ter obrigatoriamente pelo menos dois doutores, estar ativo, publicando, e o líder deve ser da UERJ. O líder precisa atender, de forma conjunta ou isoladamente, critérios que incluem pertencer ao corpo docente de programa de pós-graduação ou ao programa Prociência e ser bolsista de produtividade do CNPq.

O coordenador do Depesq Victor Moreira Gonzalez explica que o Departamento faz o credenciamento dos professores que serão líderes dos grupos depois de avaliar as condições curriculares desses docentes. “Habilitamos o acesso deles ao site do CNPq para que as informações sejam salvas. Tem início um processo que chamamos de certificação, quando avaliamos se o grupo se encaixa nos requi-

sitos necessários e fazemos o crivo. Só então o grupo vai para a base oficial do CNPq”, relata.

Áreas e Grupos

Os grupos de pesquisa estão divididos de acordo com nove grandes áreas de conhecimento, de acordo com classificação da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Dentre essas grandes áreas, a multidisciplinar, criada em 2008, agrega o grupo Inovação e Sociedade, certificado no censo de 2010. O GP se enquadra na sub-área de Engenharia e Tecnologia e Gestão e propõe estudar como as ideias geradas por pesquisas podem ser transformadas em produtos passíveis de serem comercializados. “A função desse grupo é mapear, identificar e auxiliar todas as possibilidades de integração entre universidade, empresa e governo para fins de desenvolvimento regional, daí o nome Inovação e Sociedade”, justifica a líder do grupo, professora Branca Regina Terra, da Faculdade de Administração e Finanças. O grupo reúne pesquisadores de vários setores da Universidade e de outras instituições de ensino. O Inovação

e Sociedade surgiu a partir de uma interação da líder do grupo com o professor Luiz Alberto Batista, do Instituto de Educação Física e Desportos.

Líder do GP Currículo, Cultura e Diferença, das Ciências Humanas, a professora Elizabeth Macedo diz que os grupos são importantes para a troca de informações entre pesquisadores de áreas afins. “Essa plataforma permite o intercâmbio de pesquisas de diferentes equipes, com cada uma trabalhando aspecto específico das políticas na área. Temos, por exemplo, um projeto conjunto entre a UERJ, a UFRJ, a Universidade do Porto e a Universidade de Aveiro. Com os parceiros externos desenvolvemos aspectos relacionados às nossas pesquisas individuais. O objetivo é compor uma rede de investigação”, assinala.

Na área de Ciências Sociais Aplicadas, o grupo de pesquisa Gestão Democrática na Saúde e no Serviço Social desenvolve projetos de pesquisa e de extensão. É coordenado pela professora da Faculdade de Serviço Social, Maria Inês Souza Bravo, e trabalha com três frentes: política de saúde nacional e do Rio de Janeiro;

serviço social e interface com a saúde; e movimentos sociais, conselhos e partidos políticos na luta por saúde. “O grupo surgiu nos anos 80 com a preocupação de fazer a articulação com as políticas de saúde e com a assessoria dos movimentos sociais, principalmente na Ilha do Governador”.

Matriz Extracelular, Reparo Tecidual e Histocompatibilidade, da grande área das Ciências Biológicas, é um grupo de pesquisa ligado ao departamento de Histologia e Embriologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (Ibrag). Os integrantes do grupo desenvolvem trabalhos nessas três linhas de pesquisa, sendo que a matriz extracelular e o reparo tecidual estão mais interligadas. Criado em 1990, conta com o apoio dos laboratórios de Reparo Tecidual e de Histocompatibilidade e de Criopreservação, ambos do Ibrag. Uma das vertentes do grupo é estudar a importância da matriz extracelular no processo de fechamento de feridas externas e internas. “Nosso objetivo é fazer com que durante um processo de cicatrização o tecido fique restaurado sem deixar cicatriz”, explica o professor Luís Cristovão, líder do GP.

Na área de Ciências da Saúde, o grupo de pesquisa Pró-Saúde: Determinantes Sociais de Saúde e Doença surgiu em 1998 com o propósito de estabelecer um campo de colaboração acadêmica entre professores e pesquisadores da área de saúde pública e correlatas. O grupo reúne pesquisas multidisciplinares das áreas médica e biológica, da Sociologia, da Psicologia Social e de outras áreas do conhecimento essenciais para se entender o

fenômeno da saúde em populações humanas. “Essa era uma inspiração inicial: estudar aspectos sociais, psicológicos e psicossociais relacionados à ocorrência de problemas de saúde e comportamentos adversos ao bem-estar”, comenta o líder do grupo, professor Eduardo Faerstein. Os estudos são desenvolvidos com a população de funcionários da Universidade, o que facilita o acompanhamento dos pacientes ao longo dos anos. “Em geral tiramos retratos das pessoas, mas queríamos mesmo fazer um filme”, observa Faerstein. Ele diz que os estudos evidenciam, numa população específica, diferenças consideráveis das trajetórias de vida para as condições de saúde das pessoas. “Essas pesquisas mostram que existem desigualdades importantes em níveis de saúde, de acordo com nível de escolaridade e de renda. Isso corrobora com o que se observa em outras populações no mundo e no Brasil”, assinala.

Vinculado ao departamento de Engenharia Sanitária e Meio Ambiente, está o grupo de pesquisa Gestão de Resíduos Sólidos, instituído em 2004, hoje liderado pelo professor João Alberto Ferreira. Ele informa que estudos recentes têm dado atenção ao tratamento de lixiviados, popularmente conhecido por chorume, produzido nos aterros sanitários e lixões e existente nas camadas de coberturas dos aterros: “Prestamos consultorias para prefeituras do estado, principalmente aquelas de pequeno porte. Fizemos o projeto do aterro das cidades de Pirai, Macuco e Mangaratiba. Tivemos também alguns trabalhos feitos na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais”. O professor lembra que nos seis anos

de existência, dez projetos do grupo foram contemplados por agências de fomento.

Na grande área de Linguística, Letras e Artes, o grupo Tecnologias da Arte: Sistemas, Dispositivos e Fissuras, concentra suas ações no ambiente acadêmico e nos espaços artísticos. O professor e líder Luiz Cláudio da Costa lista entre os trabalhos do GP a exposição Tempo-Matéria, projeto desenvolvido com auxílio da Faperj. “Em 2009 trabalhamos juntos discutindo tanto nosso tema quanto os próprios trabalhos. O resultado foi a exposição, que teve um catálogo publicado e foi muito especial, não apenas pela escolha de um curador, mas por ser um trabalho conjunto, resultado da própria pesquisa”, celebra.

Inserido na grande área de Ciências Exatas e da Terra, o grupo Tecnologia Química e Ambiental reúne investigadores interessados no meio ambiente. “Trabalhamos com pesquisas relacionadas à poluição atmosférica e hídrica, biorremediação de solos, biocombustíveis, estudo de neutralização de carbono, catálise ambiental, petróleo e gás e educação ambiental, dentre outras”, enumera a líder do grupo, professora Elaine Ferreira Tôres. Ela informa que o grupo oferece cursos de capacitação profissional para indústrias e instituições acadêmicas e apóia projetos de consultoria desenvolvidos pela empresa júnior de Engenharia da Faculdade de Tecnologia (FAT). Participam do grupo – financiado pela Faperj, pela Finep e pelo CNPq – professores, alunos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado da UERJ e um professor da USP – São Carlos, Eduardo Bessa Azevedo.

Lançamentos EdUERJ

Títulos recentes da Editora

CIRANDA DA POESIA

A coleção *Ciranda da Poesia* pretende introduzir para o público universitário, assim como para os interessados na arte contemporânea, um panorama das novas formas de ler o poema. Cada modo de leitura, cada orientação ou tendência crítica, corresponde a uma nova ou renovada forma de poesia. Em *Ciranda da Poesia*, poetas, professores e críticos leem os

poemas de seus contemporâneos e iniciam uma revisão crítica da geração dos anos 70. A primeira leva traz Alberto Pucheu escrevendo sobre Antonio Cicero; Susana Scramim sobre Carlito Azevedo; Fernanda Medeiros sobre Chacal; Paulo Henriques Britto sobre Claudia Roquette Pinto; Renato Rezende sobre Guilherme Zarvos; Angela Melim sobre

Leonardo Fróes e Franklin Alves Dasie sobre Sebastião Uchoa Leite. A coleção foi organizada por Italo Moriconi, Diana Klinger e Masé Lemos, com participação de Viviana Bosi e Marcos Siscar. Serão também publicados volumes sobre poetas estrangeiros contemporâneos, em traduções originais.



LIVRO OU LIVRO-ME - OS ESCRITOS BABILÔNICOS DE HÉLIO OITICICA (1971-1978)

Frederico Coelho

O livro aborda o período em que o artista plástico Hélio Oiticica passou em Nova York (1971 a 1978) e é resultado da tese de doutorado em Literatura de Frederico Coelho pela PUC-Rio. A estrutura do livro se baseia em duas atividades e um desejo: o ler, os escritos e o livro. No interior desse percurso,

costurando a aventura intelectual que alimentava o cotidiano do artista em seus ninhos-gabinetes de criação, está o diálogo franco, produtivo e caótico com quatro personagens fundamentais da vida cultural brasileira: os irmãos Campos, Silviano Santiago e Wally Salomão. De cada um, Oiti-

cica absorvia energia poética e incorporava inventividade e rigor ao seu desejo de escrita, à sua ânsia de leitura, ao seu prazer de pensar/criar/viver no limite da experimentação e do exercício da liberdade. Abre-se, assim, um novo campo de leitura para a obra de Oiticica.



A TRANSEXUALIDADE NO TRIBUNAL: SAÚDE E CIDADANIA

Miriam Ventura

A obra é uma reflexão sobre as mudanças culturais e pessoais na percepção do corpo humano na contemporaneidade. Analisa avanços da ciência que possibilitam a superação de limites referentes à anatomia corporal e sexual dos indivíduos, dispo-

nibilizando alternativas àqueles que desejam e precisam eliminar as tensões causadas por um antagonismo entre sexo biológico e psíquico. O livro é resultado de pesquisas realizadas pela autora na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. Miriam

Ventura propõe que a transexualidade seja compreendida pela perspectiva da saúde e dos direitos sexuais, elegendo a Medicina e o Direito como espaços catalisadores das demandas dos grupos sociais envolvidos com a questão.



INFÂNCIA E LITERATURA

Márcia Cabral da Silva

Neste livro, a autora aborda concepções de infância, linguagem e literatura em diálogo com autores destacados no campo teórico, como Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin. Apresenta também análise criteriosa de

uma coleção de livros voltados para crianças em suas primeiras experiências com a literatura. O leitor encontrará na obra indicações importantes para a composição de acervos de livros infantis, a mediação

da leitura literária, assim como ao estabelecimento de políticas públicas que levem em conta as crianças e a produção cultural a elas destinada.



O JOGO DE DEUS, DO HOMEM E DO BICHO

Frederico Gomes (Org.)

Este livro retrata iconograficamente o início da história do jogo do bicho no Rio de Janeiro, uma das consequências significativas da Proclamação da República, por

meio do talento dos primeiros artistas anônimos da publicidade brasileira. A obra é uma homenagem ao aniversário de 60 anos da UERJ e direciona-se especial-

mente aos leitores que apreciam informações sobre o cotidiano popular da cidade e seus *carioquismos*.



Evento

Universidade resgata função social no combate à violência



Encontro internacional contou com a presença do Reitor Ricardo Vieiralves na sessão de abertura e foi um desdobramento de reuniões anteriores promovidas pela OEA no México e na República Dominicana

Como instituição pública de ensino e pesquisa, uma das funções da UERJ é auxiliar na construção de políticas públicas no estado, seja por meio de investigações e estudos científicos ou de parcerias com o governo estadual e federal. A área de segurança pública é um exemplo do empenho da Universidade em favor dos cidadãos. Encaixa-se nesse caso a reunião “Segurança, Violência e Direitos Humanos nas Américas: desafios e perspectivas”, realizada nos dias 2 e 3 de dezembro no Rio.

Organizado em parceria com a Secretaria de Segurança Multidimensional da Organização dos Estados Americanos – OEA, o evento reuniu especialistas em segurança, violência e direitos humanos do Brasil e de outros países das Américas. A meta do encontro foi debater os problemas que afetam a região e necessitam de cooperação entre governos e instituições, bem como compartilhar experiências de sucesso nas áreas de preven-

ção e repressão à violência, com o intuito de aperfeiçoar a gestão da segurança pública e das forças policiais, valorizar a participação dos cidadãos na produção da segurança comunitária e enfatizar medidas de prevenção primária nas políticas públicas voltadas para a segurança. O encontro foi um desdobramento de reuniões anteriores de ministros em Matéria de Segurança Pública das Américas, promovidas pela OEA no México e na República Dominicana, e de reuniões entre especialistas e representantes da sociedade nas quais a UERJ participou como observadora.

Da sessão de abertura do evento participaram o Reitor Ricardo Vieiralves; o comandante-geral da Polícia Militar do Estado, coronel Mário Sérgio Duarte; o diretor de segurança de políticas públicas de segurança da OEA, Julio Rosenblatt (representando o embaixador Adam Blackwell, titular da Segurança Multidimensional da Organização); o

embaixador Alexandre Addor Neto, ex-secretário de Segurança Multidimensional da OEA e o coordenador do encontro, professor Jorge da Silva, especialista em segurança pública na UERJ. Na sua fala, o Reitor destacou a importância do papel de agente social da Universidade na área de segurança pública: “Estamos atuando com a Secretaria de Desenvolvimento Social na capacitação de cem jovens no programa UPP Social. Eles irão auxiliar a população, o que trará demanda para nós”. Ele acrescentou que a Universidade pode contribuir em questões de segurança por meio do conhecimento tecnológico para mediação de conflitos. Ricardo Vieiralves também aproveitou o encontro para anunciar a concretização de uma parceria inédita: o curso de especialização de oficiais para as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) e cursos de atualização para praças e soldados em conjunto com a Polícia Militar. “É a primeira vez no Brasil que o corpo

docente pertence à polícia e à universidade. São acadêmicos e policiais trabalhando juntos para a formação de uma nova cidadania, de um novo País”, observou.

O diretor da OEA Julio Rosenblatt disse na sua apresentação que é impossível conceber políticas públicas de segurança sem que as pessoas interessadas tenham voz, participação ativa e contribuam para o processo, pois “a segurança é um direito humano”. O embaixador Alexandre Addor Neto, por sua vez, destacou que a segurança garante o exercício dos direitos humanos e lembrou que as taxas anuais de homicídio no Brasil são parecidas com as dos demais países do mundo: “Os autores e as vítimas dos homicídios geralmente são jovens pobres e a maioria do sexo masculino”. Para ele, a UERJ, como universidade do estado, pode desempenhar um papel exemplar e pioneiro de integração com a sociedade civil e o governo. A atitude da Universidade, interessada em

parcerias com a corporação policial, foi elogiada pelo coronel Mário Sérgio Duarte, ao avaliar o papel da academia na área de segurança: “Já está vencido o pensamento segundo o qual os ‘maiorais’ da polícia se colocavam em posições antagônicas às dos acadêmicos”, disse ele.

A reunião deve gerar um livro com lançamento projetado para maio. Também está previsto para junho deste ano um evento ampliado que, segundo o professor Jorge da Silva, irá reunir especialistas de outros países, representantes de comunidades e da sociedade para debater a violência. “Queremos que não pareça que é um setor da sociedade resolvendo problemas de outro setor. Pretendemos reunir pessoas de todas as camadas e áreas”, adianta.

Especialista

Coronel reformado da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (entrou para a corporação aos 17 anos), o professor Jorge da Silva nasceu e foi cria-

do no complexo do Alemão, região ocupada pelas forças policiais no final de 2010. Para o especialista em segurança, a raiz de todo o problema da violência está na discriminação social: “Nela está embutida a discriminação racial, por isso devemos partir para a integração social dos diferentes setores da sociedade”. Ele conta que em 1990 escreveu o livro *Controle da Criminalidade e Segurança Pública*. Na época, segundo o professor, não havia ainda a configuração atual do tráfico de drogas: “já estava presente, mas não com a dimensão que adquiriu posteriormente. E se tornou um problema difícil de ser resolvido com a polícia na favela e tiroteios”, avalia. Para o professor, a polícia hoje começa a ser vista de modo diferente, ao contrário de alguns anos atrás, por isso deve buscar integrar por meio da mediação e não do confronto. Ele acredita também que é preciso identificar os fatores que explicariam a violência atual e trabalhar a concepção de segurança pública, uma vez que no Brasil disseminou-se a ideia de que a polícia existe para combater crimes, quando na realidade essa é apenas uma de suas funções. Esse deverá ser um dos enfoques do evento previsto para junho.

Laboratório

Estudos e análises produzidos em laboratórios é outra forma de a Universidade contribuir para a segurança pública. Entre os que trabalham com o assunto está o Laboratório de Análise da Violência – LAV, criado em 2002 com coordenação dos professores João Trajano e Ignacio Cano, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Referência no tema, o Laboratório – explica o professor e pesquisador Dorian Borges – tem entre os principais objetivos “a forma-

ção de alunos de graduação e de pós-graduação e o desenvolvimento de pesquisas sobre segurança pública. São estudos que procuram abranger os fenômenos da violência e da criminalidade e também criar ferramentas para a melhor compreensão da área.”

No final de 2010, por exemplo, o Laboratório divulgou os resultados de uma pesquisa sobre o índice de homicídios na adolescência. Construída em parceria com o Observatório de Favelas e apoiada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pela Secretaria de Direitos Humanos, “um dos objetivos da pesquisa é ajudar os gestores de segurança pública a perceber como ocorre o fenômeno de homicídios contra adolescentes. É referência que pode ser utilizada em todo o Brasil”, esclarece o professor. Ele acrescenta que outra parceria, esta com o Programa de Redução da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens, desenvolveu um recurso para o cálculo desse tipo de morte, o Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), disponível na internet em <http://prvl.org.br/sobre-o-ihha/sobre-o-ihha/>. O IHA consegue estimar, por município, o risco que adolescentes com idade entre 12 e 18 anos têm de morrer vitimados pela violência, além de avaliar fatores que aumentam esse risco de acordo com raça e gênero, além da idade. O professor enfatiza que políticas públicas não são construídas apenas com articulações políticas, mas também com metodologia e inteligência. “A Universidade é muito boa nisso: nossa especialidade é desenvolver diagnósticos, avaliações e pensar de uma maneira mais técnica”.

Outro trabalho em produção no Laboratório de Análise da Violência é a organização de um guia destinado a gestores municipais e estaduais,

com um passo-a-passo para o desenvolvimento de políticas públicas de redução da violência letal contra adolescentes e jovens até 29 anos. “Estamos trabalhando desde a articulação política até a geração de um diagnóstico, passando por metas e avaliação voltada para o desenvolvimento de projetos de políticas públicas. Será de grande auxílio para os gestores”, estima Dorian Borges. A previsão é que o guia esteja finalizado até maio. Outro projeto do Laboratório é o georreferenciamento dos crimes no Rio de Janeiro: “Os dados oficiais de segurança e saúde não têm boa qualidade quanto à localização. Se conseguirmos plotar no mapa os locais onde acontecem os homicídios, poderemos pensar em uma política pública específica”, aposta ele. O grupo realizou trabalho de campo para identificar com exatidão os locais de ocorrências de homicídios e roubos, o que permitiu construir uma base de dados contendo a distância entre os locais de residência das vítimas e o local do crime, com suas respectivas características sociais. A proposta agora é fazer uma comparação entre as informações do Censo de 2010 e os dados do georreferenciamento, pois análise anterior, construída a partir do Censo de 2000 constatou que os locais mais pobres, com famílias grandes e baixo nível de escolaridade apresentaram maiores taxas de homicídio.

Outras pesquisas realizadas pelo LAV incluem estudos sobre milícias no Rio de Janeiro, ouvidorias de polícia e violência com motivação racial, esta última englobando vítimas, autores e justiça. O Laboratório também promove cursos destinados a especialistas e interessados em segurança pública. Em junho de 2010 foi oferecido o curso “Métodos Quantitativos para Análise de Dados do

SECRETÁRIO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS VISITA UERJ

Em visita à Universidade no dia 3 de fevereiro, o secretário estadual de Assistência Social e Direitos Humanos, Rodrigo Neves, destacou que o Rio de Janeiro passa por um momento de inflexão na consolidação de programas e investimentos: “Uma estratégia correta na política de segurança para implantação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), a partir do pacto de gestão da Secretaria com as prefeituras, é decisiva para que o Rio de Janeiro se consolide como uma referência de estado que promove o crescimento com equilíbrio e inclusão social”. O secretário e os subsecretários Antônio Carlos Biscaia e Antonio Claret foram recebidos pelo Reitor Ricardo Vieiralves. Participaram do encontro a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, e a diretora do Centro de Produção da UERJ, Maria das Graças Freire e Silva. Da pauta constaram assuntos como o processo seletivo UPP Social, organizado pelo Cepuerj, e parcerias com a Universidade no âmbito das políticas sociais integradas nos territórios pacificados. Rodrigo Neves identificou os desafios a serem enfrentados pela Secretaria no trabalho conjunto com a UERJ: acesso à justiça, mediação de conflitos, indução da economia e do desenvolvimento local e políticas voltadas para a juventude.

Ele considerou produtivo o encontro com o Reitor, sobretudo em relação a dois temas: o programa de políticas sociais integradas nos territórios pacificados pelas UPPs e a implantação do programa de erradicação da pobreza extrema, que começa em 2011 no Rio e em São Gonçalo. Em ambos, a Universidade será a principal parceira da Secretaria. Entre as ações já em andamento, Rodrigo Neves citou a integração com o Cepuerj para a seleção de gestores e assistentes sociais nas UPPs, que teve mais de 7.000 inscritos. Eles terão papel fundamental na integração de oportunidades, serviços sociais e direitos humanos com a política de segurança e de pacificação.

Sistema de Justiça Criminal”, uma parceria com a Universidade de Lancaster (Reino Unido), ministrado pelos professores Brian Francis, Leslie Humphreys, Ignacio Cano e Dorian Borges, do qual participaram 20 pessoas de todo o Brasil.

O professor Dorian Borges acredita que a política de segurança do estado está sendo conduzida corretamente, apesar de necessitar outras ações: “Há bons policiais, que lutam pela sua corporação, mas infelizmente também existem policiais corruptos. Quando pensamos em política pública nessa área, em qualquer lugar

do mundo, as primeiras ações se voltam sempre para o combate à corrupção policial”. Ele defende que incursões como a “Operação Guilhotina”, realizada em fevereiro de 2011 pela Polícia Federal que resultou na prisão de dezenas de policiais, devem ser contínuas, daí a importância da articulação entre municípios, estado e governo federal. É fato que as políticas de segurança devem ser preventivas e não reativas porque muitos presos seguem ordenando ações criminosas nas cidades. Isso demanda um tipo de trabalho com unidades penitenciárias que ainda não existe.

Núcleo de Excelência

Cartilha da UnATI promove a qualidade de vida

O aumento da expectativa de vida do brasileiro é um grande desafio para os governos e também para a sociedade. Durante o século XX a expectativa de vida do brasileiro cresceu cerca de 30 anos e a estrutura da área de saúde pública procurou desenvolver em ritmo semelhante ao aliar o rápido avanço da ciência e da tecnologia em todos os níveis. Temos hoje maior número de idosos e não é raro sabermos de alguém que festejou o seu centenário. As famílias aprendem a lidar com os seus mais velhos de forma diferente do passado, quando apenas a intuição e o afeto orientavam essa relação. Agora existem estruturas que estudam e cuidam do envelhecimento. A UnATI, como centro de referência e excelência, é uma entre as ações e políticas públicas voltadas para o tema.

A recente *Cartilha de Acessibilidade e Atendimento Prioritário à Pessoa Idosa*, publicada pela UnATI, traz informações e orientação sobre procedimentos de saúde e benefícios para pessoas idosas com deficiência ou mobilidade reduzida. Foi pensada para informar os idosos e suas famílias sobre os direitos e a legislação vigente para protegê-los e garantir o atendimento prioritário na rede hospitalar, em bancos e repartições públicas. Alguns direitos já foram conquistados: caixas especiais em bancos e supermercados, assim como descontos de 50% em cinemas, teatros e casas de espetáculos. No transporte público, ainda há um caminho a trilhar. Para contribuir na agilidade da legislação, a Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ e o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro elaboraram a Cartilha, lançada em dezembro de 2010. A ênfase da publicação está na acessibilidade e, nesse particular, os brasileiros são ainda iniciantes. Vivemos em cidades cheias de obstáculos urbanos – calçadas esburacadas, meios-fios sem alternância de rampas, falta de sinalização sonora para deficientes visuais e escadarias como únicas vias de acesso. Ainda segundo a Cartilha, cada família procura proteger o idoso com medidas pontuais nas



A UnATI é centro de referência e excelência entre as estruturas públicas que estudam e cuidam do envelhecimento; acima alunos em atividade física

residências evitando os fatores de risco existentes em qualquer casa: tapetes soltos, pisos escorregadios, armários altos, ausência de corrimão em escadas e de iluminação em alguns ambientes de passagem, falta de equipamentos de apoio nos banheiros.

Para o diretor da UnATI, Renato Veras, “caminhamos para uma grande população idosa que busca qualidade de vida. Copacabana, por exemplo, tem 33% de moradores idosos e, no Brasil, o Rio de Janeiro está na vanguarda na questão de tratamento do envelhecimento. Quando encararmos o envelhecer não como uma doença, mas como uma fase da vida mudaremos esse padrão. As doenças da velhice não são as que nos levam à morte, porque podem ser administradas em longo prazo, caso da hipertensão e do diabetes, por exemplo.”

Membro da Organização Mundial de Saúde (OMS), com sede em Genebra, a UnATI contou com o apoio do Banco Mundial e do governo do estado do Rio de Janeiro em várias iniciativas de apoio ao idoso. Hoje é a maior do gênero no Brasil, com algumas filiais inauguradas

em outras cidades, entre elas Manaus, Porto Alegre, Natal, João Pessoa, Goiânia e Salvador. Na UERJ, seus cursos de especialização incluem residência médica, especialização, mestrado e doutorado. Também há cursos para a formação de cuidadores, enfermeiros e de porteiros em prédios residenciais: “Fizemos um convênio com o Bradesco para treinamento de porteiros. Eles representam um tipo de controle para os mais idosos, especialmente aqueles que vivem sozinhos: conhecem os hábitos e os horários dos moradores, identificam quem entra e sai do prédio. Isso pode ser fundamental no atendimento do idoso”, considera Renato Veras.

A frequência é outro sinal de saúde da UnATI: são 75% de mulheres, alunos de todos os bairros do Rio, alguns que saíram da depressão trocando uma lista de medicamentos pela atividade física e outros que revelam seus talentos tardia-



mente como sambistas e cantores. Essa é a singularidade da UnATI ao reunir diferentes histórias de vida nem sempre plenamente sucedidas, mas sempre inspiradoras.

A Política Nacional do Idoso (Lei 884/1994) tem como objetivo assegurar os seus direitos sociais aos idosos ao criar condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. A Lei reconhece também a questão do envelhecimento humano como prioritária no contexto das políticas públicas, estimulando condições para a longevidade com qualidade de vida para os idosos e para aqueles que vão envelhecer. A inclusão das pessoas idosas na sociedade demanda que lhes sejam dadas condições para utilizar plenamente ambientes, objetos e serviços que fazem parte do cotidiano, sempre com autonomia, independência e segurança. Para quem quiser obter outras informações sobre a experiência da UnATI/UERJ, o endereço oficial é www.unati.uerj.br.

Associação de Aposentados

Em conexão com a vida universitária

Eles têm mais de 30 anos de serviços prestados à UERJ e uma história de amor pela instituição que os levou a encontrar uma forma de se manterem vinculados mesmo após a aposentadoria. São cerca de mil professores e técnicos administrativos que hoje integram a Associação de Servidores Aposentados da UERJ (AsaUERJ). Criada há 18 anos, a partir de uma reivindicação salarial, a entidade é hoje sinônimo de convívio e, sobretudo, boas lembranças. Isso levou a Associação a ser uma das homenageadas em evento integrante dos 60 anos da UERJ em dezembro de 2010.

O início da história está na lembrança do ex-professor de Geografia, hoje presidente da AsaUERJ, Paulo Pimenta. “A Associação surgiu para atender professores que, ao se aposentarem, tinham o salário reduzido. Um grupo com 80 deles se mobilizou, criou a Associação e entrou com a reivindicação para obter a complementação (e equiparação) salarial. Saímos vitoriosos e a partir daí encontramos uma forma de nos mantermos ligados”, relata.

Para ele, a questão da complementação salarial apenas abriu as portas para que antigos companheiros se reencontrassem. A organização de uma Associação com estatuto social e jurídico mostrou que o passo seguinte era estabelecer um calendário de atividades sociais. “Manter em contato a Universidade e pessoas que trabalharam juntas passou a ser nosso objetivo e maior prazer”, destaca.

As atividades recreativas incluem almoços de confraternização e excursões. “Os passeios que fazemos a cada ano resultam de ações de in-



O servidor aposentado Adilson Silva recebe das mãos do Reitor o brinde comemorativo dos 60 anos da UERJ na cerimônia que também contou com a presença do ex-Reitor Ivo Barbieri (segundo da direita para esquerda)



Da esquerda para a direita: os ex-funcionários Dércio Peixoto e Astemilda Peixoto, o presidente da AsaUERJ Paulo Pimenta, o diretor administrativo Silvio Gomes, o vice-presidente Ney Cristino e o professor aposentado Domingos Cachineiro.

tegração: um para o litoral e outro para o interior. É uma forma saudável de mantermos a convivência”, garante Silvio Gomes, diretor da AsaUERJ e ex-professor do Instituto de Matemática e Estatística (IME). Ele diz que atividades sociais como estas eram hábitos frequentes, mantidos na UERJ até meados dos anos oitenta. “Sempre fazíamos almoços aos quais professores da

Universidade inteira compareciam, todos se conheciam”. Isto porque, na época, “praticamente todo o quadro docente era formado por ex-alunos, o que tornava a relação mais forte entre os próprios professores e, assim, com a Universidade; uma união que hoje não tem igual”, constata.

Manter viva esta relação com os companheiros de trabalho também levou o ex-professor

do Instituto de Química, Domingos Cachineiro Dias Neto a associar-se. Hoje integrante da diretoria da Associação, ele diz que a principal diferença entre o passado e o presente está na imagem pública da universidade. “Vivi a UERJ na fase de criação, vi a mudança para o Maracanã e o campus ser construído. Assisti ao crescimento da importância política da Universidade”, avalia o professor.

Na Associação, ele aprecia o convívio que atende a todos indiscriminadamente.

Para a troca permanente de informações entre os aposentados foi criado um informativo produzido pela própria diretoria com notícias sobre pagamentos, benefícios, planos de saúde, seguros e rotina administrativa. “Procuramos ajudar o associado no dia-a-dia e em situações que ele precisar, mantendo-o informado sobre nossa programação e em questões de ordem jurídica ou social”, explica Silvio Gomes. Apesar de existir há quase 20 anos, poucos conhecem a AsaUERJ. Mas seus diretores apostam em uma mudança a partir de 2011, em especial depois do reconhecimento público e da homenagem preparada pelo Reitor para os aposentados durante as comemorações dos 60 anos da Universidade, em dezembro do ano passado. O presidente Paulo Pimenta não esquece da cerimônia organizada no teatro Odylo Costa, filho naquele dia 13, porque foi a primeira vez que a Universidade manifestou reconhecimento à Associação. “Nunca uma administração nos deu tanta atenção. É muito prazeroso ver um ex-aluno de Psicologia, hoje psicólogo e Reitor, valorizando antigos professores e técnicos que fizeram história nesta instituição”, emociona-se o presidente.

A meta em 2011 é ampliar o número de associados. Aqueles interessados em se associar precisam preencher uma proposta que deve ser retirada na Associação: sala 8.002/8º andar, no prédio principal do campus Maracanã, de segunda a sexta-feira entre 10h e 16 horas. O telefone é 2334-0704.

Prevenção

Campi se mobilizam contra o vírus da dengue

Todo verão uma visita inconveniente chega à maioria das cidades brasileiras: os mosquitos *Aedes aegypti*, vetores dos vírus DENV-1, DENV-2, DENV-3 e DENV-4, que provocam a dengue. Apesar das medidas de combate ao vírus serem constantes, números oficiais revelam que o combate à doença ainda está longe de terminar. De acordo com o Ministério da Saúde, foram 26.034 ocorrências no país em janeiro de 2011. No estado do Rio de Janeiro, dados da Secretaria Estadual de Saúde mostram que em janeiro deste ano foram registrados 3.826 casos, contra 1.447 no mesmo período de 2010.

Desde 1986 casos de dengue ocorrem de forma contínua no Brasil, com quatro epidemias em 1998, 2002, 2008 e 2010. Em 2011, o Levantamento Rápido de Infestação por *Aedes aegypti* (LIRAA) mostrou que onde existe deficiência no abastecimento de água houve um aumento no índice de infestação em macrofocos (tonéis, galões e caixas d'água), superior ao dos microfocos (contaminação de larvas em vasos de plantas e recipientes domésticos). Para Haroldo José de Matos, doutor em saúde pública e infectologista da Faculdade de Ciências Médicas, a erradicação da dengue dependerá do trabalho conjunto entre poder público e a comunidade. "O papel do governo é importante para garantir melhores condições de saneamento e abastecimento, além de organizar a vigilância e a orientação por meio dos agentes de saúde, pois a população se engaja quando tem alguma orientação. É importante também que o governo adote medidas de profilaxia direta de combate ao vetor, por meio do uso de inseticidas contra as larvas e formas adultas do mosquito", pondera.

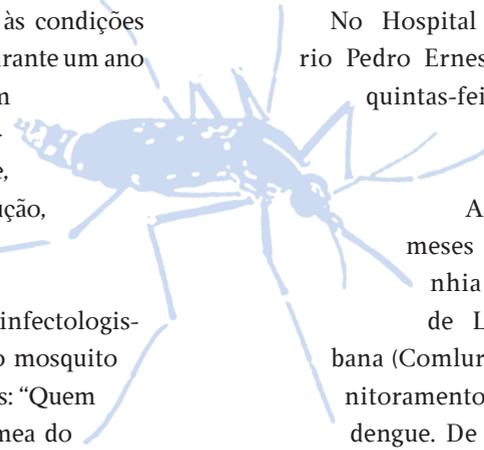
Outra questão que pode influenciar o alto contágio pelo vírus da dengue é a falta de imunidade do ser humano em relação aos quatro tipos da doença. Para a infectologista e professora da disciplina de doenças infecciosas e parasitárias na UERJ, Andréa D'Ávila Freitas, "ainda que as pessoas sejam imunes a um tipo do vírus, continuarão suscetíveis aos outros três". Ela diz também que os ovos dos

mosquitos são resistentes às condições ambientais: podem ficar durante um ano sem qualquer contato com a água, mas a partir do momento em que isso ocorre, entra em processo de evolução, que vai de ovo para larva, pupa, até chegar ao mosquito. A infectologista explica que, ao nascer, o mosquito não carrega consigo o vírus: "Quem pica o ser humano é a fêmea do mosquito. Ela se infecta se picar algum ser humano que esteja com dengue em sua fase virêmica (quando o vírus ainda está circulando pela corrente sanguínea logo após a infecção), que se estende de um dia antes dos sintomas até o quinto dia de manifestação da doença. Se a fêmea receber o vírus, em 11 dias estará em condições de transmiti-lo".

A facilidade de contaminação indica que ainda existe a possibilidade de epidemia. "No verão de 2011 parece estar circulando o vírus tipo 1, comum até o início da década de 90. Podemos ter uma epidemia porque há uma população jovem que não foi exposta a esse tipo de vírus: quem nasceu no final dos anos 80 até agora está suscetível a contrair dengue", alerta Haroldo José de Matos.

Prevenção

No *campus* Maracanã, desde o início de 2010 não há focos do mosquito transmissor, informa o diretor do departamento de serviços gerais da Prefeitura dos *Campi*, Artur Ferreira de Andrade. "Ao descobrirmos os focos naquela ocasião fizemos cinco dedetizações, repetidas no mês de outubro. A próxima está marcada para abril". O cuidado foi reforçado em janeiro deste ano com a limpeza de bueiros, valas, galerias e calhas dos telhados. Os peixes foram colocados nos aquários e lagos para evitar o acúmulo da larva. "Além dessas providências, somos fiscalizados semestralmente pelo Corpo de Bombeiros e mensalmente pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro", acrescenta Artur.



No Hospital Universitário Pedro Ernesto, todas as quintas-feiras é feita a limpeza das calhas. A cada dois meses a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) faz o monitoramento de focos de dengue. De acordo com a chefe do serviço de hotelaria hospitalar, Rosiclea Reis Peixoto, a limpeza das caixas d'água é constante, com recolhimento e análise da água. Na Policlínica Piquet Carneiro é feita a limpeza das calhas e as cisternas e caixas d'água são fechadas. "Estamos sempre verificando se não há acúmulo de água", garante a sub-prefeita Elaine Toscano.

No *campus* São Gonçalo, a conscientização dos alunos da Faculdade de Formação de Professores sobre o vírus é uma das prioridades no combate à dengue. Isso inclui palestras informativas pelos professores da disciplina de Botânica e campanhas de orientação no evento Calouro Humano, a semana de encontros direcionados para os novos alunos da Universidade. "Além dos cuidados com a manutenção de caixas d'água, cisternas, calhas e jardins, temos que fazer um forte trabalho

de conscientização porque São Gonçalo registra alto índice de contágio", diz a diretora da Faculdade, Maria Tereza Goudard Tavares.

Em Duque de Caxias, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense conta com uma base da Superintendência de Campanhas da Saúde Pública (Sucam) dentro do *campus*, que faz diariamente varreduras em busca de focos e, sempre que necessário, a aplicação de inseticidas. "Somada a essa ação da Sucam, as cisternas, além de tampadas, têm tela de proteção, os filtros de tubulação são limpos a cada quatro meses, e os bebedouros passam por manutenção constante. Nunca tivemos foco de dengue", diz o administrador do prédio Jorge Luiz da Silva. Na Faculdade de Tecnologia em Resende, a equipe de jardinagem está instruída a impedir o acúmulo de água. O vice-diretor da FAT, Jacques Fernandes Dias, informa que "todos os reservatórios abertos foram esvaziados para evitar o acúmulo de larvas do mosquito". Segundo o médico infectologista Haroldo José de Matos, instituições como a UERJ desempenham um papel importante no combate à dengue, o que implica na "monitoração do seu território e na prioridade de combate ao vetor por serem locais com alta densidade populacional".

ALGUMAS DICAS DE PREVENÇÃO

- Não deixar água acumulada sobre lajes
- Manter caixas d'água completamente fechadas
- Conservar tonéis e barris d'água bem tampados
- Encher de areia (até a borda) os pratos dos vasos de planta ou lavá-los uma vez por semana com água e sabão
- Lavar semanalmente, com escova e sabão, a parte interna dos tanques utilizados para armazenar água
- Remover folhas, galhos e tudo que possa impedir a água de correr por calhas
- Jogar no lixo objetos que possam acumular água – como embalagens usadas, potes, latas, copos, garrafas vazias etc.
- Colocar o lixo em sacos plásticos e manter a lixeira bem fechada; não jogar lixo em terrenos baldios
- Lavar com escova e sabão os utensílios usados para guardar água em casa, como jarras, garrafas, potes, baldes, etc.

Fonte: Portal do Ministério da Saúde